

Brizola em busca de lugar no segundo turno

As escaramuças entre Brizola e Collor foram a nota mais recente da campanha sucessória. O ex-governador do Rio andou pelo interior de Minas na expectativa de abrir uma brecha na muralha mineira e o ex-governador de Alagoas investiu no



Rio, instalando seu comitê carioca, fazendo comício em Nova Friburgo e reunindo-se em jantar com empresários locais. O Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul são os dois baluartes brizolistas. Em ambos os Estados, ele supera o favorito das pesquisas nacionais e Collor parece decidido a enfrentar a situação, desde já, no Estado em que nasceu. O candidato do PRN teve também que ultrapassar incômodos na sua frente interna com o descontentamento do senador Itamar Franco, seu companheiro de chapa, com assessores do candidato.

Collor e Brizola estão no comando das intenções de voto reveladas pelas pesquisas de opinião, com grande vantagem para o primeiro. O ex-governador do Rio, como se sabe, liderou as pesquisas nos primeiros meses do ano, seguido de perto por Lula, numa competição que prometia repetir, este ano, a competição do PDT e PT na eleição municipal do ano passado. Collor, emergindo dos seus 4 ou 5%, transpôs rapidamente o patamar em que se situavam os dois candidatos esquerdistas e subiu tanto e tão inesperadamente, que deixou perplexos os pregoeiros de uma viragem à esquerda do eleitorado brasileiro, que tinha todas as aparências de irreversível. Houve a reversão e hoje os candidatos começam a se atropelar no centro, no qual se situaria a vocação política não ideológica do povo brasileiro, no estágio atual da sua cultura.

Brizola, que, no pleito para o governo do Rio, partiu de baixos índices para uma vitória limpa, tem seus motivos para esperar nova alteração das tendências populares. Sua expectativa começa pela difusão da idéia de que os institutos de pesquisa estão a serviço de interesses de grupos políticos e econômicos, mas se funda realmente na constatação de que mantem uma base estável, sustentada pelo Rio e pelo Rio Grande do Sul, e na esperança de que esses dois polos de formação de opinião projetem, por todo o país, uma confiança que, por enquanto, parece limitada ao eleitorado dos dois Estados. No Norte-Nordeste, onde seu partido elegeu o prefeito de São Luís e ameaçou ganhar em Fortaleza, sua candidatura tem ~~efetiva viabilidade, desde que haja condições~~ nacionais favoráveis. O grande problema do candidato está em São Paulo e Minas, sobretudo no maior celeiro de votos do país.

O velho PTB, do qual Brizola é originário, o PTB getulista, nunca foi forte em São Paulo, a tal ponto que havia, na época, a impressão de que seus comandantes gauchos, Getúlio Vargas, João Goulart e os que, em nome de ambos, assumiram a direção nacional do trabalhismo, temiam o crescimento de uma liderança paulista que suplantasse, no partido, a liderança do Rio Grande. A vocação populista do maior Estado, no qual se expandia a classe operária, estimulou duas lideranças locais, Ademar de Barros e Jânio Quadros, os quais, competindo entre si, ajudaram a fechar São Paulo às grandes agremiações nacionais, notadamente o PSD, a UDN e o PTB, que jamais conseguiram eleger governador do Estado ou prefeito da capital. Ivete Vargas era a presença mais importante no trabalhismo paulista e não se deve deixar de anotar sua origem gaúcha e sua vinculação familiar ao grande caudilho.

Esse fenômeno pode estar na base da rejeição de Brizola em São Paulo. O PTB ali não deixou uma boa imagem, tanto que, restaurado na sua legenda original ou na legenda brizolista, não consegue expandir-se.

Leonel Brizola queixa-se de que há um preconceito contra ele, em nome do qual tentam lhe barrar o caminho da Presidência. A resistência a Brizola é notória e vem, nos meios conservadores, da encampação de empresa americana no Rio Grande do Sul e, entre militares, da sua pregação de reformas na *marra* e da armação dos *grupos de onze* com os quais ajudou a desastabilizar o governo de João Goulart. A tentativa guerrilheira no Sul envenenou mais a opinião militar contra o ex-governador, mas o fato é que sua reaparição depois do exílio foi sendo assimilada sem maiores problemas. Ele governou o Rio de Janeiro sem impugnação e hoje há a convicção de que, se o eleitorado sufragar seu nome, nada impedirá sua posse, não só pela mudança de perfil de um político que aprendeu a conviver com as estruturas legais, como pela postura tipicamente moderada da sua proposta.

Há ainda quem tenha medo de Brizola, mas isso não parece ser um dado conclusivo na armação das preferências eleitorais. Há raízes políticas, que lhe dificultam a expansão do discurso por todo o país, e há um estilo pessoal, que ainda causa apreensões aos que se habituaram a ver em Leonel Brizola um novo projeto de caudilho. Sua campanha ainda não está perdida, como indica o sólido segundo lugar que vem mantendo e conhecidas que são a mobilidade e a flutuação da maioria do nosso eleitorado. Ele, por enquanto, luta por um lugar no segundo turno. E pode chegar lá. Depois disso é que o preconceito poderá funcionar.

Carlos Castello Branco